Ano 31.º | Sábado, 28 de Maio de 1938 | N.º 1527

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agência Havas

1926--Vinte oito de Maio--1938

Glória ao Exército! Honra a Salazar!

VIVA A RÈPÚBLICA!

sob cuja égide foi possível a restauração de Portugal

"O Democrata", que, com tanta veemência, gritou às armas contra a política dos partidos da Rèpública e só para a dignificar, saúda no dia de hoje o Exército de terra e mar pela sua intervenção nos negócios públicos e ainda por ter sido a sentinela sempre atenta contra os profissionais da desórdem, sentindo, porém, que existam descontentes quando todo o mundo nos olha com admiração e nos inveja a paz em que vivemos.

O 28 de Maio marca uma era nova na vida e nos destinos de Portugal. Teve a sua razão de ser. Por isso glorificá-lo é contribuír para o reconhecimento dum acto patriótico a que todos devemos incondicional apoio.

CARMONA

Venerando Presidente da Rèpública Portuguesa

SALAZAR

Presidente do Conselho e Ministro das Finanças

O Homem do momento

Há dez anos precisamente, o curso do 2.º ano de Direito, aguardava, como de costume, o seu mestre que ás 9 horas menos cinco minutos subia as escadas de Minerva e a passo lento, mas seguro, se dirigia para a Via Latina e entrava na sala da aula.

Era tal a pontualidade dêste professor que, depois das 9 horas do dia 27 de Abril, o curso debandou.

Porque faltaria o mestre que não faltava? Logo se espalhou a notícia. O saüdoso professor faltara em Coimbra para estar presente no Ministério das Finanças, deixara de dar a sua lição aos alunos da Universidade para começar a dar uma lição mais profunda, mais vasta, mais erudita, mais metódica, mais clara, mais proveitosa a todos os portugueses e até ao mundo inteiro.

Viveu-se, então, um momento de espectativa. Era a segunda vez que sobraçava a pasta das Finanças.

Que iria fazer? Que novo rumo iria dar ao Tesouro Público? Que princípios draconianos teria propôsto e ia seguir para atingir o seu objectivo?

A Nação comprendê-lo-ia a ponto de suportar os sacrifícios que certamente lhe iam ser pedidos? O País teria nêle a confiança suficiente para o deixar trabalhar à vontade?

Se êle tivesse alcançado o poder duma forma espectaculosa, que faz brotar o entusiasmo, que cria a mística e a auréola; se êle, antes de subir os degraus do poder, tivesse arregimentado adeptos que constituíssem o seu primeiro sustentáculo, o caso era mais fácil.

Mas Salazar não procurou o poder, nada fêz no campo militar para o conquistar.

Foi chamado pelo Exército que fizera a triunfante revolução de 28 de Maio, porque se dizia que era a honestidade em pessoa, muito inteligente, possuidor duma vasta cultura em Finanças e Economia, dotado duma grande capacidade de trabalho, o único capaz de salvar o País pelas próprias fôrças do País.

As pessoas que com êle mantinham relações, os seus alunos sabiam tudo isto e logo confiaram; o Exército apoiava-o mas a grande massa da Nação ignorava-o e mostrou-se incrédula.

Foi mais por instinto do que por inteligência que a Nação se entregou ao homem que a havia de salvar, pondo ao seu serviço tôdas as reservas de virtudes que ainda viviam no coração de bons portugueses.

A tutela financeira proposta pela Sociedade das Nações foi o aguilhão que veio despertar o sentimento pátrio e subordinar tôda a governação pública aos quatro pontos apresentados por Salazar, segundo os quais o Ministro das Finanças podia opôr o seu voto a tôdas as medidas que envolvessem aumento de despêsas e diminuição de receitas.

Pela leitura dêstes célebres pontos se vê que o problema financeiro era a primeira grave questão a resolver e concretamente o afirma Salazar num dos seus discursos em que expôs os problemas nacionais e a ordem da sua solução.

Ouçamo-lo, porque ninguém os sabe expôr e ordenar melhor:

«Estamos hoje em Portugal (1928) numa situação má. Di-lo tôda a gente e era escusado; na vida individual e na vida pública, as dificuldades, que dessa má situação resultam, sentem-se, palpam-se, todos nós lutamos com elas. Vamos relacionar para melhor o ajuïzarmos, todo êste mal estar com quatro problemas fundamentais: o financeiro, o económico, o social e o político. Pu-los por esta ordem e isso não foi arbitrário da minha parte; esta simples disposição revela uma orientação definida».

Na verdade, sem finanças sólidas, não há desenvolvimento económico; sem prosperidade económica, não há progresso social; sem equilíbrio social, não há política estável.

Os quatro grandes problemas, em que se debatia a Nação, vão ser resolvidos à luz duma política de verdade, duma política de sacrifícios e duma política nacional que Salazar define nos seguintes termos:

«Num sistema de administração em que predominava a falta de sinceridade e de luz, afirmei desde a primeira hora que se impunha uma política de verdade.

Num sistema de vida social em que só direitos competiam, sem contrapartida de deveres, em que comodidades e facilidades se apresentavam como a melhor regra de vida, anunciei, como condição necessária de salvamento, uma política de sacrifício. Num Estado que nós dividimos ou deixámos dividir em irredutibilidades e em grupos, ameaçando o sentimento e a fôrça de unidade da Nação, tenho defendido, sôbre os destroços e os perigos que dali derivaram, a necessidade duma política nacional».

Postos os problemas e os princípios, vejâmos agora como sucessivamente fôram resolvidos.

O problema financeiro, segundo Salazar, era redutível aos seguintes dados fundamentais: «déficit crónico, que tomou foros de instituição nacional, de venerando monumento nacional; uma dívida flutuante muito elevada, de taxas de juros altos, onerosa portanto e com perigo de reembôlso imediato; e uma divida fundada, constituída por tão diversos tipos de empréstimo e juros tão afastado da taxa do mercado que as cotações parecem acusar o nosso descrédito, quando, de facto, traduzem apenas os baixos rendimentos; acrescentemos ainda a má arrecadação das receitas e a desigual distribuíção dos rendimentos públicos pelos serviços do Estado».

Tal era na sua acuidade o magno problema financeiro, que exigia uma intervenção rápida para se não cair na bàncarrota.

A análise da legislação publicada pela pasta das Finanças a partir de 1928 leva-nos à conclusão de que o problema começou a ser resolvido pelo equilíbrio orçamental que se conquistou, como não podia deixar de ser, pelo aumento e melhor aproveitamento das receitas e redução e melhor distribuição das despesas.

Feita a reforma do orçamento das receitas e do orçamento das despesas, arrumando-se umas e outras por uma técnica mais perfeita, criou-se a Intendência Geral do Orçamento, fêz-se a Reforma Tributária, reformou-se o Contencioso das Contribuições e Impostos, procedeu-se à reforma da Contabilidade Pública, criou-se o Tribunal de Contas, actualizou-se e aperfeiçoou-se a Estatística, reorganizaram-se os Serviços Aduaneiros, estabilizou-se o valor da moeda, reformou-se o Crédito, etc., etc.

Por todas estas medidas integradas no mesmo pensamento fundamental, obtiveram-se os seguintes resultados que qualquer Nação quereria seus: o saldo negativo das contas do Estado que, em 1925-1926, era de 122 mil contos, transformou-se num saldo positivo, sendo em 1928-1929 no valor de 286 mil contos e em 1936 de 227 mil contos.

Ao parecer da comissão encarregada de apreciar as contas públicas, vou buscar a seguinte conclusão:

«São verdadeiros e são legítimos, por estarem de harmonia com os preceitos constitucionais, os saldos das gerencias e anos económicos das contas relativas ao período que decorreu de 1 de Julho de 1928 a 31 de Dezembro de 1936. O total dêsses saldos foi, números redondos, de 1.376.057 contos».

Foi assim que o *déficit* orçamental, considerado um postulado das finanças portuguesas, desaparece como por encanto e deu lugar à um *superavit* firme e permanente.

A dívida flutuante representada por bilhetes de Tesouro e contas correntes com a Caixa Geral de Depósitos e Banco de Portugal, dispendiosa, em virtude das elevadas taxas de juro, atingiu em 1926 a cifra avultadíssima de 1.450 milhares de contos que, como é fácil de vêr, sobrecarregava,

Duas épocas

O regime político que se dissolveu em 28 de Maio de 1926, definido nas suas linhas estruturais pela democracia parlamentarista e pelo individualismo na vida pública e privada da Nação, arruinou os valôres morais e tradicionais do país, aqueles valores que fizeram a grandeza e a prosperidade dum povo e lhe deram uma história como dificilmente se encontra outra igual. O instinto nacional, encorporado na acção patriótica do Exército, num movimento em que palpitava a alma da Nação, acabou com os velhos partidos políticos e com a política mesquinha e particularista que, durante mais dum século, dominou as altas esferas do poder e da governação pública. Uma vez destruidos os velhos moldes duma perniciosa forma de governar, o país sentiu a necessidade imperiosa de entregar os seus destinos a uma nova ordem política e social e a um estadista que reunisse em si as qualidades dum verdadeiro chefe.

Foram incertos os primeiros tempos da Revolução Nacional, por que aquilo que instintivamente determinou o movimento nacionalista e patriótico de 28 de Maio de 1926 não pôde ser definido em ideias claras e princípios com raíz nas realidades nacionais por alguem cuja inteligência penetrasse fundo na alma das necessidades da Nação, Salazar, quando entrou definitivamente com plenos poderes na pasta mais difícil (então a mais difícil!) do Govêrno, a-pesar-de não ter sôbre si a responsabilidade da orientação da política geral do Estado Novo, soube definir as grandes linhas condutoras da nova ordem portuguêsa.

No seu célebre discurso da Sala do Risco apontou com admirável clareza aos homens do Govêrno e a todos os portuguêses as grandes vias ideológicas que levariam a Nação à sua antiga grandeza e ao respeito do estranho. Nêsse discurso se lançaram à terra do meio colectivo as bases sólidas da Revolução Nacional. A democracia e o liberalismo haviam de dar logar aos novos princípios e novas doutrinas, os quais deviam reflectir em si as grandes realidades do país e as necessidades do comum. A êsses princípios e a essas doutrinas, interpretadas nas realizações práticas por Salazar, se deve o progresso moral e material de Portugal nesta época agitada em que vivem as nações. Hoje *temos uma doutrina e somos uma fôrça*. Aquela para esclarecer e orientar a inteligência e a vontade dos homens que governam; esta para destruir os obstáculos que a liberal-democracia tenta pôr na frente da Revolução Nacional.

Vivemos, na verdade, uma época nova, uma nova era, e isso se deve ao homem que, providencialmente, apareceu na política portuguêsa para orientar superiormente as fôrças conjugadas postas ao serviço do bem comum.

Salazar é o grande chefe em quem os portuguêses de são patriotismo confiam agora e sempre.

A.

Presidente da República

=o=

Desde ontem que se encontra no Porto para assistir aos festejos comemorativos do 28 de Maio, o sr. General Oscar Carmona, a quem a população da cidade invicta tem dispensado carinho, cercando-o de todas as honras inerentes ao seu alto cargo.

Mas não é só ao sr. Presidente da República que o norte aclama com entusiasmo. Salazar é o nome que igualmente aflora a todos os labios, que o pronunciam com respeito e invocam com admiração.

o orçamento, contribuindo, em longa escala, para o desiquilibrar.

A partir de 1928 começou a ser reduzida a dívida flutuante até que, em 1933-1934 estava extinta, havendo já em 1934 um saldo credor de 357 mil contos, em 1935 de 617 mil contos, em 1936 de 593 mil contos e em 1937 (até Novembro) de 878 mil contos.

O Tesouro português, sempre exausto pela fuga do ouro, pelo abuso do empréstimo e pelo descalabro financeiro, até às medidas tomadas por Salazar, alcançou, pouco depois, uma vida desafogada, sendo as suas disponibilidades, em 1936, no país e no estrangeiro, no valor de 631.000 contos.

Era tal a dificuldade de crédito por falta de dinheiro que o Banco de Portugal em 1924 1925 e 1926 fazia descontos a 9%; e no mercado livre a taxa era muito maior. Graças, porém, à acção de Salazar, a taxa foi baixando e hoje o Banco de Portugal faz descontos a 4,5%.

Com êstes resultados, tão notáveis, poderia julgar-se que a obra financeira está terminada. Mas, hoje, como em 1932, Salazar responde que «uma obra financeira nunca termina, está sempre em obras. O menor desiquilíbrio, a mínima desatenção destróiem num momento tudo o que se fêz em meia duzia de anos.

O orçamento do Estado é uma balança que oscila com a maior facilidade, sugeita aos mais leves desvios entre o *déficit* e o *superavit*.

E' por isso que Salazar está sempre atento e as suas mãos vigorosas conservarão sempre equilibrado o orçamento.

Ontem era uma esperança; hoje é uma realidade.

(Da conferencia realisada no Liceu, fez ontem um mez, pelo professor José Gomes Bento.)

Na Associação do Monte-pio Aveirense

«Considerações genéricas sôbre a acção mutualista nos resultados da economia familiar»

Eis como o conferente convidado para a comemoração do 74.º aniversário da prestimosa Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas desenvolveu o têma:

Ex.^{mas} Senhoras e meus Senhores

Há convites a que não sei escusar-me, não tanto pela delicadeza das solicitações, não tanto pela distinção e honra que, àliás sem as merecer, me pretenderam dar, mas sobretudo pela natureza e interêsse do assunto que me destinaram desenvoler.

Defensor como sou, e desejo ser, daquele lêma social de *bem-servir*—e bem-servir, para mim, é proporcionar benefícios e utilidades, sejam de que natureza forem, aos que deles necessitam, quer pelo auxílio material que devemos à protecção do nosso semelhante, quer no fornecimento de cultura, e portanto de bens do espírito, que contribuam eficaz e benèficamente para o desenvolvimento da personalidade humana—defensor, dizia eu, do lêma social de *bem servir*, impunha-se-me o dever de participar de qualquer modo, e em proporção das minhas possibilidades espirituais, na comemoração da data de hoje, dia do aniversário da fundação da Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas.

Aqui estou, pois, animado sempre daquelas intenções generosas que eu entendo todo o homem ser obrigado a respeitar e seguir, com os olhos sempre postos no bem comum.

Meus Senhores:

Nem só de pão vive o homem—apregôa a secular sabedoria dos povos. E assim é, de facto. As sociedades humanas, na acção progressiva que a si mesmas impõem, têm por missão o encargo social de contribuírem, com o seu esfôrço, para a subida do nível da sua civilização, que é como quem diz, para a transformação contínua da sua vida material, moral e espiritual, projectada em aperfeiçoamento permanente. Não tem, portanto, limites, dentro de uma concepção relativa de desenvolvimento social, a função transformadora das faculdades do homem na sua acção colectiva de cooperação e solidariedade. Dia a dia, hora a hora, momento a momento, o Homem, mercê das exigências consecutivas da vida contemporânea, vai aumentando o número das suas necessidades, e, conseqüentemente, dia a dia também, as suas tendências aumentam no sentido correlativo da satisfação delas. Quere dizer: o progresso social do sêr humano, ao contrário de ser estimulado pela maior ou menor soma de bens económicos, enraíza a sua expansão e o seu desenvolvimento no aumento e dilatação crescentes das necessidades.

Problema fatal e trágico êste, mas enfim único problema básico da questão social.

É daqui, é da sua justa solução, do equilíbrio vivo e constante dos produtos económicos do trabalho e da conseqüente possibilidade de satisfação das necessidades humanas, que resultam, sem dúvida, as prerrogativas a que se destina o homem com direito a ser feliz.

O reconhecimento histórico da acção predominante do Espírito, quero dizer da Inteligência, nos destinos dà vida colectiva das sociedades, àlém de valorizar em certo sentido a própria personalidade, dá-nos a consciência perfeita de que, acima das necessidades primárias do indivíduo, está exactamente a jerarquia dos atributos espirituais, como princípio orientador e disciplinador do organismo social, sem o qual o homem cai na mais completa irracionalidade, na mais bárbara e devastadora pilhagem.

Viver, meus senhores, não é, evidentemente, como muitos supõem, cultivar as tendências parasitárias do indivíduo na exploração do indivíduo, na mais completa incompreensão dos deveres sociais, e com o maior e mais ignominioso desrespeito e desprêso até pela dignidade do homem. Merecem solene condenação os que defendem, no dizer dum ilustre economista cristão, os sistemas económicos que definem como mercadoria o trabalho ou—o que é mais grave ainda—como mercadoria o próprio trabalhador.

Viver, segundo o significado socia desta palavra, não é cuidar cada qua apenas de si, esquecendo os seus semelhantes, mas sim estreitar, cada vez mais, os laços da cooperação humana, prestando utilidades, recebendo utilidades, trocando benefícios dentro do sistema universal da solidariedade.

Viver é repartir-se o homem no sentido plural de *bem-servir*, desenvolvendo, é certo, a sua economia particular, sem despresar nunca as leis fundamentais do instinto colectivo que fazem do homem um sêr eminentemente social, sem despresar, numa palavra, a particular economia do seu semelhante.

Para quê deixar-se o homem arrebatar por teorias sangüinolentas na ânsia reivindicadora de privilégios e direitos cuja conquista deixa, atrás de si, um rasto trágico de ruinas e de misérias?

Para quê ocupar-se o homem na perseguição do homem, norteado apenas pelo baixo instinto da inveja, do ódio e da vaidade de predominar, sòmente porque supõe, erradamente, que a vida se resume a uma faminta e sistemática acumulação de riquezas?

Não, meus senhores. A Vida, na complexidade do seu mecanismo, encerra maior nobreza e elevação do que julgam os detractores da sua acção humanista. Êstes são os que apregôam e seguem a malévola teoria de Catão, o censor, que *passava a vida a prègar patriotismo e virtudes cívicas, e a esfolar os patriotas com juros de usurário implacável*.

Meus Senhores:

A tendência normal do homem é tôda orientada no sentido de viver cada vez melhor. Justa e humana aspiração como justo prémio do seu esfôrço e do seu trabalho! Mas o trabalhador, tanto o das cidades como o das aldeias, tanto o trabalhador rural como o trabalhador da indústria ou do comércio, à face das condições dificílimas da vida moderna, quási que só pode contar com o vigor do seu braço, com a sua capacidade física de produzir. Só êle é o escravo da sua numerosa família porque, como escreveu alguém, o único capital que possui é o seu trabalho, pois é da sua actividade regular que provém todos os seus meios de subsistência.

A economia particular ou doméstica depende, como se vê, da permanência activa do trabalho na fábrica, na oficina ou no campo. O seu equilíbrio assenta, pois, na regularidade da prestação de serviços. Quebrada esta por circunstâncias acidentais da vida do trabalhador, prejudicados estão imediatamente a vida e o equilíbrio da sua economia familiar.

Uma bôa organização do trabalho exige, portanto, um fundo de reservas económicas que provenham às necessidades mais urgentes do assalariado ou trabalhador, abaladas ou prejudicadas na sua satisfação em conseqüência de um desastre do trabalho, duma doença, do desemprêgo, da invalidez, da vèlhice e até da morte.

O operário, sobretudo aquele que tem a seu cargo a responsabilidade da sustentação da família, é certo que, duma maneira geral, não ganha o suficiente para, semanalmente, retirar dos lucros do seu trabalho o necessário para poder obviar, em qualquer circunstância ou eventualidade, às despesas totais do seu tratamento no caso de falta de saüde, do seu auxílio, do sustento dos membros da sua família durante o período de invalidez ou impossibilidade de trabalhar.

Como combater êste mal? Como evitar a ruína, a miséria e a fome no seu lar, na ocasião em que se encontre gravemente ameaçada a relativa solidez económica da família?

A preocupação trágica e dolorosa que acompanha a cada passo a consciência de o trabalhador perder o seu salário, deve ser, sem dúvida, o factor enérgico, o incentivo mais forte para que êle próprio, inflamado pelo amor dos seus filhos e de suà mulher, que é o mesmo que dizer com uma noção perfeitíssima das responsabilidades dos seus deveres sociais, êle próprio procure assegurar e consolidar melhor as garantias a que têm direito os seus descendentes.

É lançando mão das Sociedades de Socorros Mútuos que o operário mais fàcilmente assegura a estabilidade económica e moral da família, dispendendo somas tão insignificantes e reduzidas que em nada abalam, com seu desvio, a sua economia doméstica.

Estas sociedades que têm por fim robustecer, em casos de doença, invalidez, acidentes ou morte, a consolidação económica familiar, têm a sua origem nas primeiras comunidades cristãs, e vêm desde então, dia a dia mais aperfeiçoadas na sua acção mutualista, desenvolvendo e alargando a sua obra de protecção e auxílio, prestando benèficamente os seus serviços humanitários, tão úteis à existência e à paz humanas. São, como muito bem diz Frederico Duval, uma excelente escola de formação social que se presta maravilhosamente à reorganização da sociedade sôbre as suas bases naturais da família e da profissão.

As instituições mutualistas procuram resolver o problema de previdência e solidariedade, atendendo a que o homem, na grave hora que passa, não pode bastar-se a si mesmo, dada a escassês natural dos seus recursos, as suas insuficientes congénitas, as limitações próprias da sua natureza.

São, na sua acção admirável, um espelho fiel da inter-dependência em que os homens vivem, reproduzindo, com toda a clareza e precisão, a engrenagem dinâmica e íntima do organismo social. Nada mais perfeito, nada mais semelhante à vida.

Os próprios insectos, na humildade da sua existência, agregam-se por natureza em sociedades e em pequenas famílias para mais fàcilmente combaterem as externas e hóstis do meio ambiente, resistindo assim melhor às dificuldades da alimentação e da vida.

As formigas e as abelhas, nos seus orifícios confusos ou nas suas colmeias numerosas, agrupadas em tríbus como hordas compactas, prontas a defenderem-se até à morte das investidas e ataques estranhos, fazem uma existência verdadeiramente cooperativa, dando aos homens admiráveis lições da humanidade, perdõe-se-me o termo, de solidariedade s de auxílio mútuo.

A solidariedade humana, meus senhores, é o princípio vital da nossa existência. Sem ela, caímos fatalmente na usura, na actividade exclusivamente lucrativa, como cáem na voragem da tempestade as fôlhas que a ventania arranca aos braços das árvores. O homem só é forte quando integrado em agrupamentos. O homem isolado, como Róbinson, na sua ilha romantica, é uma autêntica aberração social. O homem isolado é uma falsificação dêle mesmo.

Meus Senhores:

Decorre hoje mais um ano sôbre o dia 16 de Maio de 1864, data da fundação desta Associação de Socorros Mútuos. A sua abertura teve início com 106 sócios, número muito avultado em relação aos 225 que actualmente possui. Contudo, apezar das dificuldades com que luta, nunca deixou esta Associação de ministrar medicamentos aos seus sócios e a necessária assistência médica. Além disso, as últimas Direcções desta Sociedade mutualista conseguiram obter para os seus associados descontos de 10% nos tratamentos ministrados pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Pompeu Cardoso.

Por especial deferência do Ex.^{mo} Sr. Provedor, conseguiu a Direcção transacta obter tambem um desconto de 30 por cento nos serviços rádio-eléctricos da Santa Casa Misericódia, desta cidade. A Direcção actual esforça-se por ampliar os benefícios que pretende dar aos seus sócios, como, por exemplo, a obtenção da assistência médica de um especialista dos olhos.

Tem esta Associação no seu activo, para desempenho das funções clínicas, dois médicos aveirenses, Drs, Lourenço Peixinho e António Peixinho, que durante o espaço de 4 anos, grandes e relevantes serviços têm prestado aos sócios desta casa.

Sua Ex.ª o Sr. Dr. Armando, que está presente, tem dedicado com todo o amor a sua actividade clínica ao bem-fazer desta Associação, sacrificando as suas horas de trabalho em pról dos seus sócios, dando assim um grande exemplo de abnegação, que deve ser a divisa essencial de quem procura suavisar os sofrimentos da humanidade enferma.

Meus Senhores:

A Dôr humana tem humanamente es seus limites. O trabalho, castigo e pesadelo dos homens, participando da essência das suas dôres, é, todavia, a glorificação divina do seu esfôrço, na apoteose admirável da sua existência laboriosa.

O homem, incansável na árdua tarefa de acarretar para a vida os alicérces do seu futuro, não perdeu ainda os rumos da sua trajectória, e êle aí está, arrebatado e lutador, de arado nas mãos-calosas roteando a terra-mãi ou de martélo em punho massacrando o ferro incandescente, tragando amargamente as raíses do seu Sonho projectado naquela Cidade-Linda que êle um dia pensou edificar em paz e em beleza, e para a qual trabalha afanosamente, aperfeiçoando e purificando a vida no seu fluir incansável e constante.

Se tomba, se desfalece, se se sente impotente para a luta tremenda da existência, nunca o seu olhar enfraquecido e magoado se lembre tàrdiamente de se voltar para os braços sempre acolhedores das associações desta natureza!

Efemérides

28 de Maio

1455—A Constantinopla cai em poder dos turcos.

1834—E' publicado um decreto, assinado por Joaquim António de Aguiar, extinguindo as ordens religiosas.

1862—Lançamento, em Lisboa, da primeira pedra para o monumento a Camões.

1901—E' suprimida *A Liberdade*, jornal republicano de Lisboa, onde colaboravam alguns estudantes de comprovado talento.

1911—Realisam-se as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte.

Pelo Liceu

Encontram-se em Coimbra a fazer parte dos juris dos exames de Estado dos candidatos do magistério liceal que estam funcionando no Liceu D. João III, os srs. drs. José Tavares, Armando Coimbra e Alvaro Sampaio, todos professores nesta cidade.

Governador Civil

Está fixado o dia 12 do próximo mês, véspera de Santo António, para o banquete que vai ser oferecido ao chefe do distrito e em que tomam parte representantes de tôda a circunscrição por êle administrada.

Realiza-se no Teatro Aveirense, sendo a ementa servida pelo Arcada Hotel.

ATENÇÃO PARA A 4.ª PAGINA

A fita da semana...

O *mestre* foi vítima de mais uma homenagem! E dizemos foi vítima porque, modesto como é, como sempre o conhecemos, calculamos quanto o devem ter contrariado, se não magoado, tantas homenagens juntas aos seus talentos, ás suas virtudes e ás suas nunca desmentidas convicções políticas...

Primeiro foi a *consagração nacional* que ai veio em três automóveis e que ficou selada com o abraço do *padre veneno* no fim do almoço; agora são nada menos de 4.000 cidadãos e... cidadãs a exprimirem admiração pela personalidade e pela obra do *mestre* e ainda gratidão pelos esforços que tem feito em defesa dos interêsses locais!!!

Já lá viram uma coisa destas?

Quem tiver lido os jornais de fóra há-de julgar que é verdade, que o *mestre*, a-pezar-de ter pela gente desta terra o mais profundo desprêso, recebeu, efectivamente, dos aveirenses, uma grandiosa manifestação de apreço.

Nunca! Neste caso há que distinguir os aveirenses dos habitantes de Aveiro. Nada de confusões! Os aveirenses repeliram e repelem, com altivez, as afrontas recebidas do *mestre*.

De resto, achamos cêdo para apreciarmos melhor o que se passou. E comentarmos. Deixar vêr, pois, o que aparece mais e se se confirma o que vinhamos calculando...

Sempre foi um acontecimento... Que *deu nome à terra* e inspirou o seu poeta máximo, faltando, apenas, o Luís Santo Tirso, de saudosa memória, para acompanhar, à viola, as quadras do sr. dr. André Reis.

Banda José Estêvão

A convite dos estudantes de Coimbra, que estão realisando a tradicional festa da Queima das Fitas, foi à cidade Universitária dar um concerto, a música da nossa terra que tem a dirigi-la desde a sua fundação o sr. António Lé.

Agradou, como era de esperar.

Serviço de regas

Pela Câmara foi adquirido um novo carro, mais completo e portanto melhor que o primeiro, para a rega das ruas principais durante o verão.

Parabens à cidade.

A luta de classes

A verdade é esta: na U. R. S. S. continua a haver classes e—o que é pior—luta encarniçada entre elas. Há classes privilegiadas e classes exploradas; classes dominantes e classes dominadas. O nível de vida entre umas o outras está nìtidamente definido.

Yvon, num dos capítulos do seu livro *O que se tornou a Rússia*, aborda precisamente êste assunto. E insiste:

«As classes dos vagões do caminho de ferro correspondem, em absoluto às classes sociais; de igual modo, as dos bancos, dos restaurantes, dos espectáculos, dos armazens; para uns, erguem-se palácios nos lugares aprazíveis, enquanto para outros as barracas de madeira se amontoam junto dos depositos de utensílios e de máquinas. São sempre os mesmos que habitam os palácios; são sempre os mesmos que vivem nas barracas».

Foi ùnicamente para conseguir esta subversão das categorias sociais que o regime comunista se estabeleceu na Rússia sôbre cinqüenta milhões de cadáveres...

Juramento de Bandeiras

Realisaram-se domingo, na parada do Quartel de Cavalaria 8, de manhã, e no Estádio Municipal, de tarde, as cerimónias do juramento de bandeiras a que assistiram, além das famílias dos soldados, muitas outras pessoas da cidade e de fóra.

Como dissemos encarregaram-se das alocuções os srs. alferes Tadeu Ferreira, de Cavalaria 8, e tenente Alberto Mendonça, de Infantaria 19, que foram ouvidos atentamente.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Novo Juiz

Por ter sido transferido para a 9.ª vara do tribunal de Lisboa, deixou a nossa comarca, onde esteve pouco tempo, o sr. dr. António Baltazar Pereira, que será substituido pelo seu colega, sr. dr. António Ferreira, vindo de Santo Tirso.

"Embaixada do Fado"

Vem dentro em breve a esta cidade uma Embaixada do Fado!—eis a notícia que nos chega e nós recebemos com alvoroço.

O fado! Não sei porquê, mas sempre gostámos da musica do fado, da toada do fado e das cantigas do fado!

O fado teve, na boémia de Coimbra, no tempo do romantismo, a sua expressão máxima. Os estudantes consagraram-no. E com tanta arte o adquararn ás guitarras, que ainda hoje é susceptível de acordar na alma dos velhos, quando atentamente o escutam, algumas reminiscencias alegres...

O' fado, que foste fado,
O' fado, que já não és,

. . . .

Em todo o caso—venha a Embaixada!

Venha a Maria do Rosário, a Arminda Vidal, a Lucia do Carmo e a Adelina Ramos. Venham todas essas fadistas do bairro alto que as queremos ouvir. E coragem, raparigas, se é que ainda tendes o sangue na guelra!...

Só isso vos recomendamos para que alguma coisa fique da vossa passagem por Aveiro...

Além túmulo

João Chagas

São decorridos treze anos sôbre a morte dêste ardoroso jornalista republicano que se evidenciou na propaganda do regimen, quer antes quer depois do 31 de Janeiro, a cujo movimento deu o melhor do seu entusiasmo.

Na vespera da sua eclosão escreveu, ainda na cadeia, onde se encontrava, um artigo violentíssimo contra as instituïções monárquicas que fez sair no seu jornal *República Portuguesa* e que causou a maior sensação.

João Chagas pertence, pois, àquela pleiade de homens que mais trabalhou pelo advento da República, tendo direito, por isso, a esta referência no aniversário do seu falecimento.

Um louvor

Pelo zelo manifestado na orientação do estagio dos candidatos a manipuladores telégrafo-postais na estação desta cidade, foi recentemente louvado, recebendo também uma gratificação de 500$00, o oficial de 1.ª classe, sr. Luís Pereira da Mota, que aqui chefia os serviços com a maior competência.

Registamos com agrado.

Trincheira dum crente

A revolução continuará

Comemora-se hoje mais um aniversário da revolução nacional de 28 de Maio.

Conseqüência intelectual da indisciplina das inteligências, que quebrou a unidade moral dos espíritos; resultado da desórdem política, baseada na concepção divisória de correntes partidárias, que tôdas as paixões individuais e colectivas, tanto as benéficas como as más alimentavam,—a revolução nacional lentamente, mas com solidez, há doze anos que vem operando a transformação da fisionomia exterior e interior do país.

Exterior nas inumeráveis realizações que inundam e cobrem a nação e que ilustram esta década governativa, como umas das mais fecundas e progressivas dos últimos tempos.

Prodigiosa tarefa financeira, jurídica, administrativa, internacional, militar, económica e política, lògicamente resultante da restauração do princípio de autoridade, em tôda a sua fôrça, virtude e prestígio, que encarnou por sua vez, em um chefe, que é um exemplo vivo de ordem política, pelo pensamento, pela moral, pela acção e pela vida irrepreensível.

Interior, no claro e justo sentido de fazer participar duma firme unidade de pensamento, de fazer colaborar numa síntese doutrinária e política, todos os portugueses de bôa e recta vontade e de são patriotismo, desde que se disponham a servir sinceramente a sagrada causa do interêsse nacional, com que se identifica neste alto momento histórico, a reabilitação e a grandeza de Portugal.

Excluídos, evidentemente, os interêsses inconfessáveis, os ódios mesquinhos, os sectarismos deprimentes, os personalismos estreitos, as vaidades balofas e os suspeitos assaltos ao poder, sem qualquer grande, digna e honesta finalidade,—inglória herança dum passado triste, que ainda pesa demasiado na nossa alma de impenitentes individualistas!

Sinceridade que não é só um acto de esclarecida fé intelectual, mas igualmente um acto de elevada fé moral.

Acto de fé da própria inteligência, porque implica a revisão dos velhos princípios doutrinários e políticos, o exame dos antigos valores ideológicos e a análise das raízes culturais, que lhes deram uma unilateral visão dos problemas do universo, da sociedade e do homem e da posição da nação portuguesa entre êles.

Acto de fé da própria consciência, porque impõe a rectificação da vida afectiva e ética, que subordinada às ideias que indisciplinam a inteligência, hão-de correspondentemente originar a desórdem dos sentimentos e de todo o esfôrço realizador que conduza ao facto, à acção e ao exemplo.

Intuïtivamente se compreende que assim seja, ao estudo um pouco profundo da questão.

Aderir às fórmulas aparentemente superficiais: Revolução Nacional, Estado Novo, Revolução de 28 de Maio, Nacionalismo Português, Estado Corporativo e outras semelhantes, em que se concretizam as novas directivas das ideias, as actuais ansiedades dos espíritos e até a vigorosa e gloriosa marcha da nacionalidade, sem lhes penetrar a essência espiritual que as dinamiza, sem lhes haurir a substância moral que as fecunda, sem lhes palpitar a alma nova, social e política que as informa—é imperfeitamente compreendê-las, senti-las e realizá-las.

Sob êste aspecto, o da formação espiritual. moral o política, a revolução nacional de 28 de Maio, não é, como muitos podem supôr, um fim, não é um ponto de chegada. E', antes, o limite de partida, o início para a resolução talvez definitiva, duma crise histórica, crise intelectual e política, que há dezenas de anos desorientava, indisciplinava e desorganizava o país.

E', sem compromisso de tempo, uma permanente obra de *reeducação* e de *reintegração*, em que até os puros ou os de melhor intenção, têm que cotidianamente aprender, meditar e rever!

* * *

Mais um ano: Positivamente a revolução nacional, social e política continuará. Não lhe escasseiam almas novas, inquietas e ardentes, com sêde de verdade, de justiça, de virtude e de perfeição, que se batam para que a reconquista espiritual e política,—*uma autoridade justa condicionando uma justa liberdade, fonte de tôdas as criações humanas equilibradas*,—não afrouxe no seu apostolado de conversão, de resgate, de fé e de patriotismo.

Ainda há gente afadigada em erguer ao alto, para que todos os vejam, como colunas invulneráveis, os velhos ídolos da decadência, da derrota, da descrença e as imagens e os símbolos de tôdas as truculências e inconformismos da inteligência, da sensibilidade, da vontade e da acção.

Pois quem guindá-los aos ceus, quási a roçar pelas fimbria das núvens, que êles não são, ou pela sua obra, ou pelos seus exemplos, ou pelo oiro ou pela ganga do seu verbo, a ordem nova, o espírito, o coração e o vigor imaculados que despontam, mas um mundo decrépito que desaba, um mundo de negações e rebeldias, que se consumiu no fôgo impuro, estéril, retaliador e calcinante das próprias paixões e delírios.

Mais um motivo para que a revolução prossiga corajosa, serena, enérgica e triunfante!

J. Carreira

BENEMERENCIA

=o=

Damos a seguir a relação dos pobres contemplados com os cem escudo que nos enviou o acreditado ourives sr. Francisco Pinto de Almeida:

Tereza de Jesus Adelaide, R. de S. Martinho; Maria Rosa Duarte, idem; Alberto dos Santos Pereira, idem; Gracinda Ferreira, R. Miguel Bombarda; Carolina Miranda, R. Eça de Queiroz; Ilda Aurora Ramos, R. da Fonte Nava; Maria Freitas, idem; Angelina Galega, idem; Maria dos Anjos, R. do Gravito; Luísa Peixinho, idem; Aurea de Lemos, R. de S. Roque; Maria Emília Marques, R. de S. Sebastião; Ernestina Peixinho, R. Trindade Coelho; Margarida de Matos, R. da Sé; Maria Paula, R. das Falcoeiras; Norberta de Jesus, R. do Vento; Margarida Raposo, R. da Corredoura; Maritana da Costa, idem; e duas envergonhadas, com 5$00 a cada.

Em nome dêles os nossos agradecimentos.

Secção desportiva

A abrir

À margem do último Galitos-Liceu

No intervalo do emocionante desafio de *basket*, do dia 15, uma aluna do Liceu, generosamente, ofereceu rebuçados a um jogador dos *Galitos*, acrescentando:

—Tome lá, para você não julgar que sou vossa inimiga!

E' possível que a gentil estudante quizesse, apenas, exteriorisar, daquela maneira, o seu contentamento pela superioridade inicial dos seus favoritos e que, de bom grado, substituísse a guloseima por uma razoável dose de estriquinina... no fim do movimentado desafio.

Mas o seu gesto não deixou de constituir um grande exemplo para alguns—*alguns*, bem entendido—colegas que aproveitam o fracasso dos seus *inimigos* para os amesquinharem com ironias impróprias de creaturas que têm o dever de possuir mais sólida cultura moral e intelectual...

A nona jornada

A etape n.º 9 teve uma surpresa: a do empate consentido, em Aveiro, pelo *Vasco da Gama*, frente à *Sanjoanense*.

Não estava na lista das previsões, semelhante resultado.

Galitos e *Valegrandense* desembaraçaram-se, com facilidade, do *Oliveirense* e *Sporting de Espinho*.

O *Liceu* descansou, portanto.

Galitos, 28—Oliveirense, 20

O jôgo realisou-se em Oliveira de Azemeis, perante meia dúzia de assistentes locais, que não se cansaram de insultar o árbitro e jogadores aveirenses, e uns quinze nossos conterrâneos que acompanharam a *équipe* dos *Galitos*, de camioneta.

Na primeira parte os unionistas estiveram a vencer por 4-0; mas os *leaders* ficaram imperturbáveis com o precalço e, pouco e pouco, foram respondendo, até chegarem à conta de 13-7, a seu favor, resultado com que terminou a primeira metade.

Na segunda, assistiu se, apenas, a isto: os rapazes dos *Galitos* a defenderem, penosamente, a vitória e o físico, ante as arremetidas violentíssimas dos locais, que não puderam conseguir a almejada surprêsa, porque isso constituiria o mais cruel ilogismo da bola...

Alinharam e marcaram pelos *Galitos*: Vasco (1) e Baldomero (1); Sousa (6), Fino (7) depois Henrique, e Aurélio (13).

Arbitrou o sr. Sérgio Bacelar, do *Liceu*.

V. da Gama, 22-Sanjoanense, 22

No primeiro tempo os vascainos mantiveram folgada superioridade e conseguiram o *score* de 16-6.

No segundo, os sanjoanenses animaram de tal forma com alguns avances bem sucedidos que, perto do fim, chegaram a estar a vencer, por 22-18.

Numa reacção enérgica, porém, os aveirenses ainda fôram a tempo de salvar-se da derrota, mas não puderam evitar o empate—o segundo, até à data, registado no torneio.

A causa dêste fracasso residiu no mau estado físico dos locais.

Alguns jogadores estavam exaustos com as exigências do seu serviço profissional, e outros não tiveram juizinho...

Alinharam e marcaram pelo *V. da Gama*: Matos e J. Ferreira; Trindade (6), Licínio (2) e F. Ferreira (12). Suplente, Biaia (2).

Arbitrou, obsequiosamente, e com agrado, o sr. Alberto Carlos Costa dos Reis.

Os jogos de àmanhã

Para àmanhã, estão marcados os seguintes jogos: em Aveiro, *Galitos—Sanjoanense* e em Espinho, *Sporting—Oliveirense*.

Y.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Tereza Andias Meireles, esposa do sr. Hermenegildo Meireles; o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, considerado clínico, e o menino Carlos Eduardo, filho do sr. tenente Alberto Carlos Ribeiro da Cunha, residente em Nampula (Africa Oriental); àmanhã, o sr. Joaquim da Cruz Carlos, residente em Ilhavo; no dia 30, a interessante Maria Helena, filha do sr. dr. Joaquim Henriques, médico local; em 31, a sr.ª D. Marília da Conceição Maia e Sousa, esposa do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Agueda; em 1 de Junho, o sr. Luís Vicente Ferreira, em 2, a sr.ª D. Maria Tereza Serrão Peixinho, esposa do sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, active presidente do município, e em 3, a galante Maria Emília, filhinha do sr. Aníbal Ramos, comerciante da nossa praça, e os srs. Firmino Alves Videira e dr. António Cristo, advogado na comarca.

—Também na próxima terça-feira completa 20 risonhas primaveras a sr.ª D. Isaura de Lemos, empregada nos correios e telégrafos.

Parabéns.

Partidas e Chegadas

Deve hoje embarcar em Lisboa com destino a Luanda (Africa Ocidental, e sr. alferes Luís Paula dos Santos, de Infantaria 19, que vai desempenhar uma comissão de serviço ordenada superiormente.

Acompanha-o sua esposa e uma filha.

Feliz viagem e bôa fortuna.

Doentes

Esteve bastante doente, encontrando-se em via de cura, a sr.ª D. Olga da Cruz Martins Magalhãis, esposa do sr. Álvaro Júlio Magalhãis e filha do sr. Raúl Martins Leite, Inspector Escolar dêste distrito.

—Tem obtido algumas melhoras o sr. António Coelho da Silva, filho do industrial sr. Eduardo Coelho da Silva.

—Em Coimbra sujeitou-se a uma intervenção cirúrgica que decorreu com êxito, o nosso presado amigo dr. Pompeu de Melo Cardoso que, na quarta-feira, regressou a esta cidade.

Desejamos o restabelecimento de todos.

Correspondencias

Costa do Valado, 18

O Grupo de Amadores «Instrução e Beneficência», de Ois da Ribeira, veio ao Salão do Ramal dar dois espectáculos, que agradaram à grande assistência.

Levou à cêna, entre outras peças, *O Duque de Vizeu*.

—*O Rancho Primavera*, que em bôa hora foi organizado e que há pouco tomou parte no Cortejo Folclórico que se realizou em Aveiro, onde foi muito apreciado e premiado, foi, há dias, ao Bonsucesso apresentar cumprimentos ao sr. dr. Alberto Souto. Recebido por Sua Ex.ª e por alguns amigos de Aveiro, à porta da sua quinta, ali exibiu vários números de dansa que foram muito aplaudidos por o povo que se juntou.

No final o sr. dr. Alberto Souto, ofereceu, numa das salas da sua explendida vivenda, um *côpo de água* aos componentes do rancho, realizando-se, depois, um animado baile.

A todos os visitantes o dono da casa dispensou carinhosa recepção, que muito os cativou.

C.

FOGO!

Na madrugada de quarta-feira foram requisitados os socorros dos nossos bombeiros para o lugar de Frossos onde se manifestou incêndio numa casa habitada por João Marques da Silva, que ardeu quási por completo.

Compareceram as duas companhias, que evitaram a propagação do fôgo a outras habitações.

2.000$00

Dão-se à pessoa que saiba o nome de quem escreveu, em Abril de 1935, um postal anónimo ao Ex.mo Sr. Ribeiro de Lima, engenheiro da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

O postal encontra-se em poder de João André da Paula Dias, a quem o interessado se deverá dirigir.

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Dr. João Joaquim Pires

Condolencias dirigidas ao Liceu por virtude da sua morte

Do Sr. Director Geral do Ensino Liceal:

Apresento ao corpo docente dêsse liceu as mais sentidas condolências pelo falecimento do digníssimo reitor. Rogo a V. Ex.ª me represente no funeral.

a) Pires de Lima

Do sr. Reitor do Liceu de Nun'Alvares, Castelo Branco:

Em meu nome e no do corpo docente apresento ao Liceu de Aveiro a expressão de profundo pesar pelo falecimento do seu Reitor que tam distintamente marcou a sua passagem por êste Liceu.

a) Lobo

Do sr. Reitor do Liceu de Martins Sarmento, Guimarãis:

Em nome do corpo docente apresento a V. Ex.ª e colegas sentidas condolências pelo falecimento do saudosa colega Pires.

a) Santos

Do sr. José de Morais Sarmento, Ovar:

Não podendo assistir ao funeral do sr. dr. Pires, apresento sentidos pêsames ao corpo docente do Liceu onde estudei.

a) M. Sarmento

Do sr. Coronel Oliveira Lima, Lisboa:

Sentidíssimos pêsames

a) Coronel O. Lima

Do sr. Reitor do Liceu de Sá de Miranda, Braga:

Em meu nome pessoal e de todos que trabalham nêste Liceu apresento sentidas condolências pelo falecimento do vosso saudoso Reitor.

a) Prieto

Do sr. Vice-Reitor da Secção do Liceu de D. João III, Coimbra:

Secção Liceu D. João III apresenta a V. Ex.ª e Conselho sentidos pêsames.

a) Aurélio de Oliveira

Do Colégio Normal, Ovar:

A Direcção e professores do Colégio Normal de Ovar enviam sentidos pêsames.

Do antigo professor do Liceu, sr. padre Arménio Faria de Brito, Esposende:

O meu coração, profundamente triste, acompanha a dôr do corpo docente.

a) Arménio

Reitor e professores do Liceu da Guarda enviam a V. Ex.ª sentidos pezames.

Livros

«DEZ ANOS NA PASTA DAS FINANÇAS»

Em edição do Secretariado da Propaganda Nacional apareceu um novo volume de 140 páginas com o título da epígrafe, que todos os portugueses deviam lêr para ficarem elucidados sôbre a obra gigantesca produzida entre nós com a entrada de Salazar para o govêrno da nação.

O preto no branco diz tudo, E não há sofismas que alterem a verdade...

Êste número foi visado pela Censura

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,23	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	8,38
13,45	10,15
18,38	18,21
20,50	22,54

Comarca de Aveiro

—o—

Divórcio

Nos termos do artigo 19.º do decreto, com fôrça de lei, de 3 de Novembro de 1910 se faz público que, por sentença de 24 de Abril do corrente ano, com trânsito em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio entre Amândio Ferreira Quinta Nova, proprietário, e Maria Marques da Cruz, doméstica, ambos das Quintans.

Aveiro, 18 de Maio de 1938.

O Escrivão,

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Melo Freitas

Comarca de Aveiro

=:=

Divórcio

Nos termos do artigo 19.º do decreto, com fôrça de lei, de 3 de Novembro de 1910 se faz público que, por sentença de 24 de Abril do corrente ano, com trânsito em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio entre João Ferrão, industrial, residente em Lisboa, e Deolinda dos Anjos Limas, doméstica, da Fôrca.

Aveiro, 18 de Maio de 1938.

O Escrivão,

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Melo Freitas

A FECHAR

Um cassiano para o mestre:

—V. Ex.ª, sim. V. Ex.ª é que nasceu para escritor!

—Então porquê? Que me acha de particular para falar dessa maneira?

—Ora o que lhe acho... Basta reparar na esplendida orelha que V. Ex.ª tem para segurar uma pena.

Comarca de Aveiro

—o—

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por êste se anuncia que no dia 29 do mês de Maio corrente por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública do prédio a seguir designado e pelo maior preço que fôr oferecido acima do indicado.

Prédio—O direito e acção que que os executados teem a uma sexta parte de uma terra lavradia, sita nos Moitinhos de Ilhavo, avaliada em 75$00 e vai à praça dor 37$50.

Penhorado na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra Jose dos Santos Ferreira Novo e mulher Maria Ferreira dos Santos, da Légua.

São por êste citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação nêste anunciada.

Aveiro, 11 de Maio de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Baltazar

O Chefe da 1.ª Secção,

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

=o=

Arrematação

2.ª publicação

No dia 29 de Maio corrente, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial, se há-de arrematar e entregar a quem maior lanço oferecer sôbre metade da sua avaliação, o prédio abaixo indicado, penhorado na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra José Gato, viuvo, morador em Setúbal, a saber:

Cinco treze ávos duma leira de junco, sita no Perraxil, d'Aveiro' avaliada na quantia de quatrocentos escudos. Para a praça são citados quaisquer crédores incertos, afim de usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 17 de Maio de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Melo Freitas

O Escrivão,

João Antônio de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 29 do próximo mês de Maio, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, á Praça da República, na execução por impôsto de Justiça e multa promovida pelo exequente Ministério Público contra o executado José Marques Ribeiro, o *José Real*, casado, trabalhador, do lugar da Quinta do Gato, freguesia da Glória, desta mesma comarca, por apenso ao processo correcional que também lhe promoveu o Ministério Público, vai á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima de sua avaliação, o seguinte:

O direito e acção que o dito executado tem á herança deixada por sua mãi Maria Cavadinha de Oliveira, viúva e que foi do referido lugar da Quinta do Gato, direito e acção que corresponde a uma quinta parte do casal que se compõe dos seguintes prédios:

Metade duma terra nas Gestas, limite da Quinta do Gato, freguesia de Esgueira;

Um terreno a mato, sito na Brogueira, limite da dita freguesia de Esgueira;

Uma terra lavradia, denominada «Serradinha», sita nos limites da Quinta do Gato, freguesia da Vera-Cruz;

Uma terra lavradia, denominada «Cabeço da Quinta», sita nos limites do mesmo lugar e freguesia; e

Um prédio de casas de habitação com quintal e suas pertenças, sito na Quinta do Gato, freguesia da Glória, avaliado o referido direito e acção em 3.650$00.

A sisa e despesas da praça são pagas pelo arrematante nos termos da lei.

Pelo presente são também citados quaisquer credores para assistirem à praça e usarem dos seus direitos e bem assim os comproprietários Manuel Marques Ribeiro e mulher, ignorando-se o nome desta, ausentes em parte incerta do Brasil, para usarem do direito de preferência, uns e outros, querendo.

Aveiro 20 de Abril de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Victor

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*